



NVNERO 1

# TAL'BRIGA

REVISTA D'ARTE

E ACCÃO RE-

GIONAL



:: TALÁBRIGA ::  
: REVISTA D'ARTE E ACÇÃO REGIONAL :

Ano I

Fevereiro de 1921

N.º 1

**bibRIA**

# bibRIA

## COLABORADORES

Adolfo Portela, Afonso Duarte, Alexandre do Amaral, Alexandre de Córdova, Antonio Augusto Mendes Correia, Celestino Gomes, Conde da Borralha, Costa Miranda, Egas Moniz, Feliciano Soares, Garcia Pulido, Gomes Ferreira, Humberto Beça, Jaime de Magalhães Lima, Jaime de Vasconcelos, João Grave, Joaquim da Silveira, José Pereira Tavares, Julio Pedralva, P.<sup>o</sup> Marques de Castilho, Marques Gomes, Melo Freitas, Narcizo de Azevêdo, Pénitant, Pina de Moraes, Salcio Bairrada, Souza de Castro, Vaz Passos & outros.

## COLABORADORES ARTISTICOS

Ernestina Henriques, José Augusto da Silva, Julio Pina, Leal da Câmara, Lino, Luiz Fernandes, Mauricio Valente de Almeida, Octavio, Romão Junior, Soares Lopes & outros.

# : Simplesmente... :

COMO uma pequena boca esculpida em pedra rude entre trepadeiras silvestres e a gleba abrasada dos parques fecundos, não irão mal aqui estas palavras simples á maneira de anteloquio dizendo a todos alguma coisa da nossa Obra, debruçadas da mal trabalhada arquitectura do Limiar.

Na hora torturante que passa, quando pavorosas crises de toda a ordem lançam um assédio de angustia á Vida, cometer um empreendimento como este a que nos lançamos, será clara audacia, pensar-se-ha. Certamente. O momento é um aniquilador de energias. Mas não é o destino do homem uma permanente acção de luta para a Beleza e para o Bem?

Assim, já não parecerá loucura moça este nosso acto, mas apenas um lógico combate para que o destino da nossa alma ardente nos impele!

Até aqui a primeira razão do aparecimento da *TALÁBRIGA*. Depois, um grande amor e paixão artistica por este esplendido rincão da terra portuguesa, onde tão belos tesoiros emotivos e ricas energias vitais dormem maravilhosamente, e o desejo fervoroso de exumar do Desconhecido, do Desprezado, todo esse encantado inventario de valores pujantes em redor dos quais o interesse mental dos homens possa criar afeição,—esta vontade, emfim, que a todos nos dominou de fazermos *alguma coisa* por Aveiro e sua região, decidiu-nos ao resto.

Transpostos os inumeros obstaculos materiais da hora presente, que a nossa grande fé e inabalavel animo de vencer tem sobrepujado sem descrenças, ha a dizer-se que vem em boa hora de Deus a publicação desta revista.

Como revista de *acção regional*, segundo o seu programa ha meses tornado publico, ela é assim filha da Terra e sómente das suas fecundas energias quererá viver. A sua divisa diz o character da sua generosa acção patriótica: *pro terra mea, meo pro sanguine*. Pela sua Terra, pois, e pelo seu Sangue ela desfraldará no ar azul a asa heráldica de agúia que vò para a luz, sófrega do grande Sol!

Ora, hoje, todas as fontes nobres de Vida e de Beleza são procuradas ávidamente na Terra. A Terra estremece—pascoa de benções. A Gleba vitoriosa começa a florescer numa ressurreição esplendida, cubicada com avidez por todos os sedentos da verdadeira Vida. Ha um feliz regresso á Gleba. Na Lorena, Barrés (depois dos esponsais frementes de Mistral com a sua Provença maravilhosa), na Catalunha, Ribera y Rovira, D. Vicente Risco na Galisa, todos procuram na Terra a suprema Emoção—belos, generosos, justos, empenhados na gloriosa cruzada de Beleza e Raça da *Terra Patrum*.

E é nesta hora de profundo entendimento espirital que a *TALÁBRIGA* surge. Indiferente ás paixões dos homens, ás alucinações egoistas da alma moderna, ela fará simplesmente a cultura da Terra no seu significado moral e estético. A sua preocupação filosofica não arripiará credos políticos ou religiosos: irá direita á Beleza!

E mais não diremos.

Ácerca do titulo que adoptamos, para que em muitos dos que nos lerem se atenuie a impressão de caprichosos resaibos eruditos com que suponham, porventura, nós termos polvilhado a nossa procura literaria, damos a palavra ao eminente historiador e erudito, snr. Marques Gomes, que dirá da sua origem e razão da sua presença no cabeçalho desta revista.

PELA REDACÇÃO

ANTONIO DE CÉRTIMA.

# : TALABRIGA:



M 1877 escrevia num livro meu (\*): «E' um problema historico a fundação e o local da antiga cidade de Talábriga. Ao certo sabe-se apenas que foi fundada pelos *celtas*, que no tempo dos Romanos era uma das 36 cidades tributarias da Lusitania pertencente ao *conventus juridicus* de Emerita, e que estava situada uncto á margem do Vouga. E é quasi provavel que o seu local coincida com o moderno logar de Cacia, sobranceiro ao Vouga».

Ha quarenta e três anos, ia já de encontro á tradição de que Aveiro occupava o mesmo local em que se erguia Talabriga, com que me embalaram em criança e que, para a grande maioria, senão á totalidade dos meus patricios e diferentes escriptores nacionaes e estrangeiros, era facto incontroverso. Afastei-me então já do que, sobre o assumpto, escreveram Abr.<sup>o</sup> Ortilius (*Theatrum orbis terrarum*, Florez (*Espanha Sagrada*), Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*), e Francisco do Nascimento Silveira (*Mappa breve da Lusitania*), para seguir o parecer de Duarte Nunes de Leão (*Descripção do Reino de Portugal*) e Gaspar Barreiros (*Chorographia de alguns logares*), que designam Cacia como o *ubi* de *Talabrica* ou *Talabriga*, pois a lição é a mesma. Levou-me, principalmente, a seguir esta opinião o facto de ser inadmissivel a existencia duma cidade fortificada, como necessariamente deve ter sido Talabriga, onde hoje é Aveiro. As condições topographicas d'esta, abertamente o demonstram.

E' fóra de duvida que, em épocas remotissimas, a acção dos ventos e de outros agentes naturaes, fizeram destacar do Oceano a formosa bacia hydrographica de Aveiro. Antes d'ella, o Oceano devia ter banhado as encostas de Cacia, onde se encontram terrenos bem elevados e d'uma formação já remota, constituindo mesmo, n'aquella epoca, um tal ou qual promontorio. Não é, pois, para estranhar que o Vouga teve por ali a sua foz com o Oceano, e como Talabriga era na embocadura do mesmo rio, pode admitir-se que o oppido que D. J. Bruto submetteu, era com efeito onde hoje é Cacia. Ha, porém, opiniões em contrario e de valor, como teremos occasião de dizer. No emtanto, vamos trasladar para estas paginas, que se publicam sobre o suggestivo titulo da antiquissima cidade da Lusitania, o que, sobre aquelle feito de armas, escreveu Apiano. E' esta:

«*Talabriga era uma das cidades (da Lusitania) que mais frequentemente se revoltava. Esta falta de resignação, este, direi eu, germen de patriotismo, ou melhor de municipalismo, não podia tranquilisar Dccio Junio Bruto, que julgou que o caso era de reclamar a sua presença no local da cidade. Partiu com numerosa gente, e ao seu aparecimento responderam as irrequietas Talabrigenses, com supplicas e o seu incondicional abandono á discricção do conquistador. Então J. Bruto foi energico e insatiavel, mas ao mesmo tempo teve um lance inesperado de generosidade. Quiz fazer-lhe sentir princiro a dureza cruel do seu braço de guerreiros, e para isso impôs-lhe a immediata entrega dos transfugas das hostes d'elle, certamente aliados dos romanos, a dos prisioneiros, a de todo o armamento e ainda por cima exigiu refens. Depois chegou a ordenar-lhes que abandonassem a cidade com suas mulheres e filhos. Parece que o prestigio militar de J. Bruto não podia menos que seu tino de politico e conquistador. Os Talabrigenses aprontaram-se para obedecer ali mesmo. Mas o capitão romano queria compôr-lhes o quadro que lhes impressionasse perduravelmente a imaginação. E ia espreitar o efeito produzido.*

*Desdobrou em circulo ás suas tropas e, aglomerando dentro a chusma dos habitantes humilhados, arengou-lhes. Fez-lhes perceber que não receava a sua turbulencia indomita, porque quantas vezes desertassem, outras tantas elle viria combater-lhes e reduzi-los com a necessaria firmesa. Incutido assim o receio e a convicção de que no momento adequado, J. Bruto cairia sobre elles com toda a energia, o general romano quebrantou a sua ira, satisfeito com estas objurgatorias. Mas não sem que lhes tomasse os cavallos, os mantimentos; os dinheiros da cidade com todo o outro material publico. Isto era claramente deixa-los na impotencia e até na penuria. E por fim, J. Bruto, contra tudo quanto os Talabrigenses podiam já esperar (praeter spem), restituiu-lhes a cidade para nella continuarem a habitar. Isto passava-se já em meado do seculo II, antes de Christo (138 á C.).*

*Feito isto o conquistador regressou a Roma.»* (\*)

MARQUES GOMES.

(\*) O Districto de Aveiro (noticia geographica, estatistica chorographica, heraldica, historica e geographica da cidade de Aveiro e de todas as vilas e freguezias de seu districto). Coimbra, 1877, pag. 162-163.

(\*) Felix Alves Pereira (*Paginas Archeologicas*, III) — Situação conjectural de Talábriga — Lisboa, Imprensa Nacional, 1907 — Pag. 35 e 36.

# Paixão e Morte da Infanta

N **ESSA** noite, o serão nos aposentos da infanta D. Beatriz — a quem D. Fernando, seu irmão, dera tam vistosa casa de donas, de donzelas e de cuvilheiras e que trazia ainda, na doçura dos olhos cândidos, a dolorosa imagem da pobre madre degolada em Coimbra, pelas brutas mãos dos matadores, e no peito a saúde do padre e senhor, el-rei D. Pedro, que tanto de alma lhe quisera e que morrera pouco antes, em Extremôz, de sua postrumeira dor, nos braços dos bispos — corria animado e gostoso à luz das vélas de cera ardendo em tocheiros de ferro, firmados nas paredes recobertas de Rases. Sentadas por estrados ou por escanos, sôbre alcatifas de couro, damas duma clara formosura ouviam-na atentamente narrar histórias de menestreis e bardos dizendo, ao som de cítaras e violas, os finos laís amorosos a que o bom monarca D. Denis consagrara grande engenho, e sorriam num enlêvo, a um mais forte pulsar dos corações. E como, então se estava em paz, como as hostes adversas não vinham das bandas de Castela e de Aragão, num rumor de armas e num faiscar de capelos, sob o comando de capitães e fronteiros experimentados em ásperas traças da guerra, invadir o reino — talando campos, assolando povoações em que viviam as tristes gentes da gleba, queimando searas, filhando gados, pondo furiosos e apertados cercos a vilas fortificadas, enforcando vilões nos negros postes do patíbulo e violando mulheres, para estancarem os delirios bestiais do cio — os cavaleiros e filhos de algo, em vez de armaduras reluzentes, trajavam suas vestes de festa e gala: — gibões de veludo com golas de rendas brancas e cortados de muitos golpes, tabardos de ricas telas, opas de raros brocados — ou traziam apenas, por cima dos briaís de lã rôxa, espadas de curta lâmina e adagas de punhos cravejados de pedrarias.

Nos Paços de Apar Sam Martinho, a pequena distância de alcáçova rial, que dominavam o Tejo com sua pesada e sombria massa de granito, as tochas derramavam uma vaga claridade, dourando a treva em tórno. Por campanários de igrejas e mosteiros havia muito que os sinos tinham tângido a recolher. Lisboa adormecera na fechada escuridão nocturna e apenas por desertas betesgas ou ermas ruelas mal rondadas por quadrilheiros, oscilavam espaçadas luzes votivas chamejando em solitários nichos e estalavam ruidosas brigas de nobres custodiados por homens de sua mercê, em que ferros esguios de bulhões coruscavam por uma dama ou por uma afronta. Apagaram-se lentamente as enfumaçadas lareiras nas sumptuosas moradas senhoriais ou nos desagasalhados casebres da ralé, e não ressoava tropel de palafrem ou vozeria de turbamulta.

Lisboa era então uma cidade triste e suja, com fileiras de casas baixas, em cantaria e taipa, amuralhando estreitas ruas onde mal batia o sol, espalhando-se pelas colinas da Graça e de Santa Catarina, pela encosta do Castelo, ou adensando-se mais no Corpo Santo, no Rossio, nos infamados retiros da Judiaria e na Ribeira das Naus, junto á margem do Tejo, onde embarcações e galés balouçavam ao embalo das salgadas e frias ondas marinhas. Onde aonde elevavam-se solares fidalgos com seus terreiros á frente ou recolhidos conventos — santos refúgios das multidões humildes em horas agitadas de batalhas — com largas cercas muradas em que olivedos e nogais ramalhavam ao vento, cheios de murmúrio; verdejavam hortas em que perpétuamente a água de rega fugia, cantando a canção idílica do viço e da frescura e que freires e monjas traziam bem tratadas; avultavam os Paços do arcebispo ou os Paços do Concelho, onde os representantes e defensores das plebes faziam ouvir sua palavra ousada; destacava-se a Universidade em que os letrados professavam sua sciência. De longe, viam-se ascender na pureza do espaço as altas torres da Sé e da Sinagoga dos judeus onde os rabinos faziam práticas rituais.

De dia, os bairros pobres transbordavam de tumulto e grita. Às portas, fêmeas andrajosas, de grenha hirsuta, bravias como lóbas violadas, os olhos fulgurando nos carões magros e lívidos ou requeimados e morenos, catavam-se em bandos ou espiolhavam freneticamente crianças rôtas e encardidas, de ventres enormes, sem infância e sem beleza, coçando as feridas da cabeça com os dedos comidos de chagas. A certas horas, passavam récuas de cavalgadas que iam beber aos tanques, rebentavam disputas e ralhos nas fontes públicas, cantavam pregões arrastados. Pelos açougues, dependuravam-se rêses escorchadas ou cortavam-se grossas postas de carne sôbre balcões ensangüentados e gordurosos. Um ou outro nobre aparecia, montando soberbos ginetes e mirando as rôtulas á espreita de suaves frentes femininas ou surdiãam sacerdotes abençoando a populaça devota que corria a beijar-lhes o hábito.

Á beira rio, tôda uma falange de calafates e petintais trabalhava sem repouso, ou pescadores de braços nús arrastavam para fóra das barcas canastras de pescado. Mesterais lidavam afanosamente em seus officios. Mercadores activavam seus negócios. Dos becos em que formigava uma humanidade mais desgraçada exalavam-se pestilências. Os porcos fossavam pelos enxurdeiros, ao ar livre; bandos de aves esgaravatavam nas estrumeiras; cães vadios remexiam, com as patas felpudas, os detritos acumulados que apodreciam sob a torreira do calor. De quando em quando, grassavam flagelos, mortandades, pestes, e as populaças chorosas corriam para os templos a fazer penitência, para aplacar as iras de Deus. Nesta miséria desoladora, havia por vezes, no entanto, uma nota de suavidade em que era doce pousar os olhos. A Rua Nova, que conduzia aos Paços de Apar Sam Martinho — onde viviam o rei D. Fernando, os infantes D. Denis e D. João e a infanta D. Beatriz, filhos da malaventurada D. Inês de Castro — era o ponto em que residiam a maior parte da aristocracia e os burgueses enriquecidos no comércio, fazendo a iluminura solene da côrte, nas eras ditosas e pacíficas em que não era preciso reunir esforçadamente troços de lanças, de archeiros e de peonagem, para correr em socorro do reino em perigo. Agora, em logar de sangue e de homízios, de possantes arrancados, ao raiar da alva, e de trabalhosos e irados combates, os fidalgos amavam arrebatadamente as donosas donzelas de pura linhagem, celebravam justas, torneios e passos de armas, compraziam-se em lides de touros bravos, trazidos das lezírias, em que arre-messavam dextramente o rojão, davam-se a jogos de tavolagem ou exercitavam-se no lançamento dos tavolados, dançavam por saraus, na pompa dos setins, requebrando-se com garbo, ou partiam, ao latir dos mastins e ao nitrir dos cavalos de sela, antes de matinas, para demoradas batidas de montes e brejos, com grande acompanhamento de mateiros, de falcoeiros e de matilhas, caçando javalis, ursos e veados, que eram acabados à faca, nas clareiras, sob o afiado dente dos podengos, ou as aves de saborosa carne abatidas no vôo por açores e girafaltes amestrados. Para isso, mantinham seus solarengos, suas falcoarias e seus canis.

Desde a morte de D. Pedro, o povo de Lisboa nunca mais acordara estremunhado, fóra de horas, ao ouvir as longas, para se vestir com presteza à luz vacilante do candil, correndo a associar-se aos folgares do monarca, bailando e cantando, ou para lhe suplicar, naqueles momentos em que êle se aproximava da turba como de igual para igual, em nome dos preitos jurados, a severa punição de iníquos agravos.

Nos primeiros tempos do reinado de D. Fernando, juntava-se alvoroçadamente, no terreiro do Paço rial, para o festejar e prestar vassalagem ao monarca, até ao dia em que de lá de dentro vieram certos rumores inquietantes que lhe causaram grande coita. El-rei — que era o mais lêdo e formoso príncipe da Europa e que ainda se não entregára á desvairança que havia de levá-lo, sem honra, para o macio e quente regaço de D. Leonor Teles, mulher de D. João Lourenço da Cunha, fidalgo mui principal com solar em Pombeiro — entretinha seus ociosos vagares pelas câmeras de D. Beatriz e com tal apostura e propósito de beijos, de abraços e de licenciosas liberdades que escandalizava muito as pessoas austeras e crentes da côrte e as próprias camareiras. Dizia-se até que o soberano, escandecido pela febre da luxúria que a ideia pecaminosa do incesto mais atiçava, tinha em mente casar com a irmã e que já para a cúria de Roma pedira as licenças e a absolvição papal.

Passavam longas manhãs às janelas do Paço, muito unidos e sorrindo, a contemplar os pinheirais longínquos da margem oposta do Tejo ou as vélas cheias de vento das embarcações que subiam o rio, talhando sulcos luminosos à flor da água que nos dias serenos era lisa como uma peça de setim desenrolando-se sem vinco ou ruga. Na liça, os pagens adestravam-se no jogo da bola ou no manejo das armas: e D. Fernando, com um braço sôbre os ombros de D. Beatriz, que era delicada e branca, falava-lhe com tanta intimidade e de tal geito, como se com ela andasse em grande paixão. Os privados e as cuvilheiras que os surpreendiam nestes

extranhos arroubos, cochichavam maliciosamente e contavam o caso que se divulgava, exagerando-se: e o povo murmurava:

— Feia ligação! Antes pública barregania com vilôa. À fé que seria menos escandalosa e não ofenderia tanto a Deus.

Não tardava, porém, que o consórcio de D. Fernando com a infanta D. Leonor, filha de D. Pedro, rei de Aragão, fôsse ajustado. Para a côrte aragonesa haviam partido por mensageiros, Badasal de Espinola, Afonso Fernandes de Burgos e Martim Garcia, cavaleiros do conselho do monarca português, para tratarem das bodas e celebrarem o contracto nupcial; e pouco depois, o enviado de D. Pedro, monse João de Villaragut, chegava a Lisboa com poderes para firmar os esponsais. Feitas as avenças, foi D. Fernando esposado com D. Leonor por palavras de presente, na igreja de Sam Martinho. Pelo contrario, o reinante de Portugal teria de manter nas hostes de Aragão, na guerra de dois anos contra el-rei de Castela, mil e quinhentas lanças e havia de mandar para o reino aliado barras de ouro e de prata com que se pudesse lavar moeda de florins e riais bastante para pagar às suas gentes de armas. Então, as murmuracões transformaram-se em louvores, sobretudo quando D. Fernando, deixando Lisboa, se dirigiu à Galisa, a receber a preitezia de logares que o requeriam e a sossegar terra que estava por êle e o desejava por senhor, com o mestre de Cristo, D. Nuno Freire, D. Álvaro Perez de Castro, barões, cavaleiros e muitas outras gentes de qualidade, apossando-se da Corunha, que se lhe entregou jubilosamente. Aí estava! O povo a maldizê-lo, e êle a dilatar seus Estados! Assim era a iníqua justiça dos homens!...

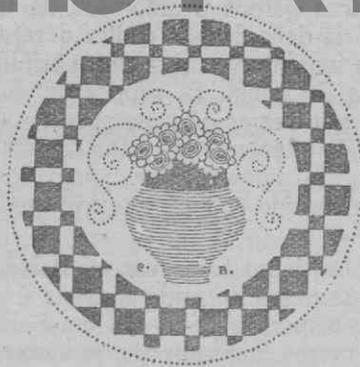
As alabanças populares não duraram, porém, muito! Novamente se vociferou contra o fogoso e namorado rei que, fugindo da Corunha com seus homens, diante do exercito de D. Henrique de Castela, vinha refugiar-se em Portugal, enquanto seu adversário, invadindo o pais, com forte aparato de armas, punha cerco a Braga, que tomava de assalto, estabelecia um estreito assédio a Guimarães — que só não se rendeu porque mentres e rei de Granada investiu com os castelhanos — avançando sempre sob a flutuação vitoriosa de seus pendões, devastando terras lusitanas logo escravizadas a seu jugo e coagindo D. Fernando a pazes humilhantes pelas quais êle repudiava D. Leonor de Aragão para receber por esposa D. Leonor de Castela, filha do vencedor, que lhe trazia por dote Ciudad Rodrigo, Valencia de Alcântara com todos os seus termos, Monte-Rei e Alhariz com suas fortalezas e alfozes, em troca de todos os logares doados por D. Afonso IV, avô do monarca português, à rainha D. Beatriz, em arras de seu casamento — consórcio que nunca devia celebrar-se, por efeito de desvario que impeliu D. Fernando para os braços gordos e amorosos da trefa e ambiciosa Leonor Teles. A cólera da multidão subiu de fúria desordenada contra o reinante inconsiderado e moço que trazia sempre o reino em rixas e inquietações por uma perfídia política ou por uma mulher e que não hesitava em pôr a corôa de rainha na cabeça de dona casada com um seu vassalo, contra as razões do Estado, contra o querer de seus súbditos e contra a letra de tratados que firmára. Mas a tempestade abrandou lentamente, vieram dias de pacificação desde que o rei se enleara na doçura do seu funesto amor, e a nacionalidade voltára a acatar o monarca de tam boa indole e tam decidido e árdido como guerreiro, quanto era indeciso como homem e como político.

À época era de abastança. D. Pedro I, ao morrer, deixára seus tesouros abarrotados de dobrões de ouro de puro toque e de peças de prata. Castela e Aragão viviam em amizade com Portugal, seguidamente a duras e demoradas éras de luta e de destruição de pessoas e fazendas, pelo ferro e pelo fogo. Por cerros, por cabeços de montes, por extensas e verdes planuras, não se avistavam agora pendões tendidos sob o vôo das revoadas de corvos, anunciando ameaças, nem tropeavam cavalgadas violentas de cavaleiros acontiadados, avançando a tôda brida para os fulgurantes recontros; e se, por alcáçovas e castelos não ressoava já a voz de truões e jograis, que anos antes, na Peninsula, tinham levado até às castas nobres, para divertir os senhores faustosos, o esplendor do lirismo, irónico ou ingénuo, das plebes amargas e sofredoras, ouviam-se nêles a cada passo a música das citolas moiriscas e as doces canções de amor e de amigo em que a musa nacional era tam fértil. Pelos vastos campos do sul não corriam, ao lampear das cimitarras e ao ondear dos balsões infieis, as enfurecidas algaras das hordas serracenas. Pelas montanhas de Além-Douro tambem não se divisavam hostes castelhanas, aragonesas ou leonesas, deixando atrás da sua marcha sulcos de sangue ou labaredas de incêndio. Podiam as verdes e promissoras messes amadurecer serenamente ao dourado sol de Deus e podiam os ricos homens e seus acostados repousar em plena confiança e despirem cervilheiras e cotas de malha, tirarem bacinetes e guantes de ferro, que não haveria

riscos a temer e perigos a conjurar, Os destinos do Estado pareciam seguros sob a guarda do filho do Justiceiro, tam arrebatado e querençoso que à mulher amada tudo dera — vassalos, um trono, um sceptro — e que tudo achava ainda minguado para tamanho amor. O que noutros confusos e temerosos tempos apenas se resolvía pelas pelepas armadas, passava a decidir-se pelas manhas politicas em que D. Leonor Teles se mostrava fecunda e artilosa, inspirando seus privados, depois de adormecer com beijos e palavras de meiguice, sôbre o seu branco seio, o rei fraco e indeciso como donzel apaixonado...

*JOÃO GRAVE.*

bibRIA



# :O CANTO DE ANTEV:

: Aos Moços de Portugal :

*Anteu medita profundamente, os grandes olhos sonhadores imobilizados,  
com febre, na imensidade das aguas glaucas, que espelham ao  
Sol,*

*De repente, erguendo-se com uma altivez imponente e vencedora de  
Herói, murmura olhando para o largo:*

(EXCERTO)

*E eu, eu que sou Anteu,  
Porque me esqueço então a olhar, desvanecido,  
— Tendo na boca murcha um riso que me aterra—  
A olhar e a meditar ante o Desconhecido.  
Sem pretender buscar essa formosa Terra  
Que um dia, loucamente, em sonhos me prendeu?!*

*Eu, que curvo o destino á fôrça do meu braço,  
Que edifiquei nações e construí cidades,  
Porque me hei de quedar com servil embaraço  
Sem apagar a sêde ás minhas ansiedades?*

*Partirei! partirei! Quilha na agua e ao vento  
A bela empavezada, irei, á luz dos astros,  
Fugindo para o Além, pelo mar infinito,  
Até já vêr pousar sobre o topo dos mastros  
O proprio firmamento!  
— Partirei! partirei! Afogarei este grito  
Que ruge dentro em mim e quasi me estrangula,  
Dando ao braço o prazer dos combates sonhados,  
Dando á alma o festim duma estrondosa gula!  
Terei na minha mão, encarcerados, presos,  
Os rumos do universo e os astros constelados,  
Enchendo as legiões, dando aos povos, surpresos,  
O desvairo da luz dos reinos desejados!*

*E como é belo a gente, altivo, erguendo a fronte,  
Correr a procurar sem medo no horisonte  
O extase da Aventura!*

*A vida é toda feita  
Duma ambição constante e sempre insatisfeita  
Que vibra em nosso peito e escalda o nosso olhar,*

*E é sempre esta loucura indomita e febril  
Que o homem tem consigo a dilatar-lhe a ideia :*

— *A febre de Criar !*

*Todo o esforço é sublime. O excesso que incendeia  
A nossa mente exausta, e em delirio viril  
Duma emoção fecunda, intensa e alucinante,  
Reacende em cada veia a cubiça gigante,  
A cubiça abrazante  
Das ansias colossais que a peito nos consomem,  
Oh! tem sempre a explicá-lo uma divina razão :*

— *Ai porque é a ambição, porque é a tentação  
Que o Homem tem em si de erguer um outro Homem !*

*Por isso partirei. A mesma intrepidez  
Com que venci um dia o semi-deus descrente  
Da minha força, do meu poder,  
Tambem, tambem agora  
Por certo irá comigo e me fará vencer.  
Navegarei cantando — a procurar, talvez,  
A procurar, cantando e rindo, a morte... Embora !  
A mão não treme, o braço é forte, é forte a mente !  
Morrer que importa, pois ? Desvairante, a vertigem  
Das novas regiões que eu quero descobrir,  
Que eu quero possuir,  
Levando a toda a parte o meu poder enorme  
— Poder que é seiva e é flôr duma Beleza nova —  
Inda não se apagou... — não, inda não dorme !  
— Volupia juvenil que sempre se renova,  
E que freme e palpita e que arde dentro em mim  
Num arroubo de quem enlaça um corpo virgem,  
Hei de vivê-la, pois ! hei de gosá-la, emfim,  
Até sentir com ela a alma dilatar-se...  
Morrer nada revela. A morte é um disfarce  
Que pretende domar a força do destino,  
— Dum destino que engana —  
Dando á ambição dum dia a fama transitória  
Do homem que procura um desejo divino  
— A mais alta expressão da existencia humana !  
Fecha-se o olhar mas fica um nome e fica a gloria,  
Fica outra vida e um nome em formas novas, puras,  
Enorme como um grito, audaz como a verdade,  
A prégar, a clamar esta mesma anciedade,  
Esta mesma ambição, ás gerações futuras.*

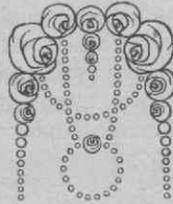
*E eu irei ! eu irei ! Chama-me a voz do Mar...  
Tentadora, a chamar, misteriosa, a acenar,  
Mandando-me partir para o seu seio ignoto,  
Para o seu seio remoto,  
Onde as aguas terão esplendidos estios,  
Baías colossais e brancas enseadas,  
E onde eu encontrarei a gloria do meu nome*

*A brilhar, triunfante, em fulvas madrugadas!  
Partirei socegado, á prôa dos navios,  
Cantando, alegremente, olhando o Mar sorrindo,  
Como eu fazia outrora, em tempos de creança...  
Farei que a antiga quilha um novo rumo tome,  
Prendendo em cada antena a furia da esperança  
E atando a cada mastro um vergame mais lindo...  
Quando voltar um dia  
Quero a fronte enramar como se fosse um deus  
E, vitorioso, e grande, apertar contra mim  
Num transporte fremente, ardente de alegria,  
A minha grande mãe, a minha mãe—a Terra,  
Todo o meu povo, a minha esposa, os filhos meus!  
E nesta posse heroica, esta atração fagueira,  
Subjugadas com raiva as forças que consomem  
O frescor do meu braço, e, submetida a mim  
A humanidade inteira,  
Eu serei o eterno Homent,  
Dobrando ao meu orgulho a propria Vida — emfim!*

ANTONIO DE CÉRTIMA.

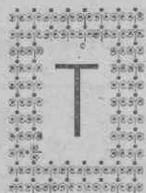
Do Poêma «ANSIA DE DEUS».

bibRIA



# AGUEDA-VELHA

:: Á FLOR DA TRADIÇÃO ::



**T**ERRA de barqueiros e de pescadores! — O' Agueda-Velha!

A poder de sonho, evoco os teus lindos tempos antigos, de quando o rio gemia, desconsolado, ao carrêgo dos barcos que o pejavam. Vida simples, vida honesta, vida religiosa. Andava tudo nas tarefas da pesca e da barcaçem; toda a gente — moços e velhos, alegremente, ao embalar suave dos velhos romances... Vai de ahí, então, os dias iam passando sobre os dias, na toada monótona dos mesmos episodios, tudo num religioso aconchêgo de boas almas, sobre a carícia sempre azul do ceu tranquilo, á flor do qual a aza macia dos passaros mal passava muito ao de leve. E as noites tinham, tambem, á maneira dos dias, o mesmo discreto recolhimento biblico, de longe a longe acordado de escape, pelo trovar amorozo dos pescadores, á beirinha do rio, ou pelo clamôr barbaro dos barqueiros em jornada: — *Leva arriba, camarada!*

E assim, dentro desta saudade e desta evocação tão enternecida, essa lendaria Agueda-Velha, aconchegada á beira d'agua, como um bando de peregrinos que por ali aquedasse, de subito, para merendar ou para rezar, talha moradia certa no mais recolhido cantinho do meu coração, de ranchada com os meus affectos mais suaves — e ahí repoiza, docemente, a sonhar comigo, a chorar comigo...

Mal empregado o sonho de quem sonha! Mal choradas lagrimas dos que choram! Para quê tanto sonhar? Para quê tanto desperdício de lagrimas?

Com os seus amanueenses pálidos e os seus doutores de fraque, do nosso tempo, a minha terra armou agora em terra de toda a gente, caracterisou-se de comedia. O vento terrêno da vida nova, desvairado do quadrante, sacudido, desgrenhado, arrepelou-lhe a opulenta cabeleira perfumada das flôres do seu pomar...



Terra de barqueiros e de pescadores, que Deus haja... — ó Agueda-Velha de algum dia!

Credula, humilde, simples, com o campanario branco dum igrejo! primitivo, lá ao cimo do lugar, no oiteiro do seu adro gracioso, reconstituo-te, na minha saudade, tal qual tu devêras ser, por essa longinqua temporada de ha seculos, com o teu florido Botareu de lenda, as tuas viçosas e frescas Hortas-do-Vale, a tua solitária Além-da-Ponte, a tua desmantelada Can-

cela a abrir para os milheirais do campo... E toda a terra, muito humildemente, muito resignadamente, votada de alma e coração aos seus bíblicos labôres, na mais serena das vidas...

Pelos modos, o rio, com toda a fartura do seu pescado e com todo o opulento amânho da sua barcaçem, vinha a ser, então, o melhor do teu pão e o melhor do teu conducto—a tua alma toda. Por'môr dele, nascia e levedava na masseira a brôa caseira da tua cêsta, nascia e inchava nas certãs o peixe das tuas refeições contentes, nascia, e cantava, e bailava até, todo o remedêio da tua vida patriarcal.

A' flôr das suas aguas bem fadadas, boiava uma linda bateirinha encantada, que andava, como o outro que diz, rio-abaixo, rio-acima, a esparralhar lendas pelos areiais e pelos salgueirais. Na alfombra macia dos seus cambalhões, á sombra dos amieiros velhos e dos velhos freixos, tecia-se todo esse inextinguível romance de amôres, entre os barqueiros do rio e os lavradores da varzea, donde ao depois se devêra ter feito, que não se fez, a tua alma nova—ó terra linda dos meus devaneios, que a má fortuna desfolhou num repelão de vento agreste...

E, conforme rezam as tradições e as falas dos velhinhos, tudo isso era a paz, era a humildade, era uma suave resignação cristan, sempre na velha comunhão com Deus—os olhos ora no fundo do rio para dar vida ao corpo, os olhos ora no fundo do ceu para dar vida á alma.

E as velas dos barcos, então, de alvura imaculada como talhadas no setim do luar, quando calhavam de passar pelo rio, assim como bandos de gaivotas tresmalhadas, davam á paisagem de todo o Vale-de-Agueda o geito amoravel dum retabulo bíblico, sobre o qual o sol e o luar passarinhavam, beijando e abençoando tudo ao retoque mágico da sua luz bemdita...

Ao redor da igreja, a todo o oirô do lugar, andavam procissões piedosas—o Senhor-dos-Passos, sempre no pano-de-fundo do cortejo—ladainhando num velho latim as mais lindas penagens que o sangue sagrado das cinco-chagas escreveu por todos esses breviarios da velha religião. E, entre o adro onde as procissões passavam, e o rio onde os barcos aquedavam reverentemente para as vêr passar, todo o cazario primitivo de Agueda mal chegaria então para tolher o olhar de quem olhava ou para perturbar as rezas de quem rezava... Porque era tudo, ali, assim, num estreito palminho de terra e agua, ao alcance dos mais curtos sentidos, ao alcance dos olhos tocados da cegueira mais profunda, ao alcance do coração de toda a gente.

# BIBLIA



Agueda-Linda, que Deus tenha!

Como a evocação de tudo isso se caza de bom geito com os caprichos enfermiços da minha sentimentalidade! Como o acordar das tuas tradições velhas faz bem á alma de quem anda, como eu, na penitencia triste do seu exilio, a vêr-te de longe, atravez do pano negro de uma saudade que nem o vento das mais lindas illusões pode rasgar...

E vejo-te á lareira, ao lume religioso do rescaldo; e vejo-te, de joelhos, no altar da tua igreja, rezando e cantando. E fóra da lareira, e, fóra da igreja, quando a vida te chama á vida, vejo-te sempre á beira do rio, á flôr do qual boiam as tuas tradições mais lindas, as tuas lendas mais suaves, toda a crónica da tua gente e das tuas coisas...

Porque toda a crónica antiga da minha terra, por muito mesquinha e sem relevo que ela seja, escreveu-se e desfez-se de todo na agua do rio, na esteira de espuma das jangadas, sem que ao menos, pelo visto, um farrapinho dela se deixasse prender nos galhos sêcos dum salgueiro. Deliu-se tudo, desvaneceu-se tudo—tudo se foi.

Mas, assim mesmo—ou por isso mesmo talvez—os tempos velhos da minha terra, quando evocados a todo o poder dum sonho, surgem-me, nitidos e palpitantes de vida, com toda a coloração dum painel antigo, cuja tela por certo foi cortada da véla dum barco, que tivesse naufragado no Pôço das Lorangeiras... Por isso mesmo, o seu viver mal sabido dos tempos que já lá vão, assume para a minha alma todo um delicado aspecto regional, bem caracterizado, bem distinto, muito são e muito fresco, em que o rio, sempre o rio, o rio só, se perturba e se agita e se espreguiça de consolado, por'môr dos barqueiros e dos pescadores que lhe povôam as aguas fartas e contentes.



Porque tudo o mais é de empréstimo e de enxerto, por assim dizer. Veio ao depois, quando o ar dos tempos tomou outro jeito, e quando os homens, p'los modos, cuidaram de variar de vida, na ilusão efémera duma felicidade mais alta e mais robusta. Veio, ao depois... — Na crise desta variação, Agueda, então, entrou de se esquecer, dia a dia, de lavar o seu barco e de pontear o saco da sua cambôa; atrelou as carrêtas dum arado á canga duns bezêros; calçou polainas grossas de burel; encabou um ramo de carvalho no ôlho duma enxada; da vara do barco fez aguilhada para os bois; da véla fez camisa; da fateixa fez farpão... — e, quando mal se precatou, ei-la ahí vai, por esse campo além, uma cantiga nova na garganta, a cavar na terra o pão da abastança que o rico já lhe não dá.

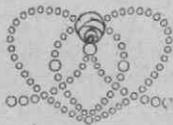
E, no cavar das terras, o cavador amealhou o seu cruzado; e, no lavrar das geiras, o lavrador fez pé-de-meia no fundo duma arca. Apareceu então o primeiro *porpiatario*, apareceu então o primeiro amanuense, apareceu então o primeiro bacharel. A minha terra pôz mascara; oi um estrondo pegado por todas as terras do Agueda...

Ao ar lavado e fresco das águas do rio, por assim dizer, ficaram só as lavradeiras num perpetuo descante e uma ou outra vaga reliquia de barqueiro primitivo, a chorar com o proprio rio em lágrimas todas as saudades fundas que lhe marulham lá dentro do coração. — E, nem por noite alegre que seja o cantar das lavadeiras, e, nem por noite suave que seja o recordar dos velhos barqueiros, é possível alcançar-se agora que a alma penada daquelas sagradas reliquias se defina e caracterise no meio revoltó da vida de hoje, em que todo um grande desvairo de costumes e de tendencias modernas lhe sacode e lhe arrepela o coração. Não. A alma dos pescadores e dos barqueiros, que é a alma toda da minha Agueda-Velha, adormeceu como um barco sem vela e sem leme, de encontro á relha agressiva do primeiro arado que os tempos novos houveram por bem ou por mal de lhe ensinar a manejar. Toda a primitiva poezia das águas do rio se desmanchou e desfolhou como uma flôr anada, quando o campo hasteou de lá a primeira bandeira da Festa-do-Sacho...

Sem pescadores e sem barqueiros — uns mortos de todo, outros a morrerem aos pedaços — só uma vaga nevoa de poezia por lá se espalha, ao ar doce e morno dos poentes outonais, e essa mesma alimentando-se e vivendo por esmola derradeira do farto legado espiritual que aqueles nómadas tentadores lhe deixaram... Se eles não fossem,

se não fossem as liberalidades da sua alma, ha muito tempo que se teriam delido, de uma vez para sempre, todas as paginas daquela linda crónica onde Agueda tem escritas as mais pitorescas passagens da sua vida antiga.

ADOLFO PORTELA.





## : Inéditos :

DE FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

(Soneto 304)

### Despedida de Francelio ao Vouga e a suas Ninfas

Patrio Vouga ancião, Ninfas patricias,  
Francelio, o cantor vosso, a Morte chama,  
Francelio que os clarins vos deu da Fama,  
Que foi vosso prazer, vossas delicias!

Não mais lhe prestareis vossas caricias,  
Não mais o cingireis da verde rama,  
Quando Apolo lhe punha o estro em chama,  
E as canóras Irmãs lhe eram propicias!

Vosso Vate, que vós honrasteis tanto,  
A sonora lyra a Aonio deixa,\*  
Cantor que já vos honra com seu canto.

Francelio expirar vae e occulta a queixa  
Que ao sepulcro o conduz; o vosso pranto  
Dae ao Cysne que morre, e as azas feixal

\* Aonio Graciano, he Antonio Thomaz Pereira de Mendonça, amigo do Autor, e a quem a Natureza deu hum grande gosto para a poezia, em que ha-de fazer progressos se continuar, e honrar algum dia o Vouga. (Nota do autor).

# Retrato de Santa Joanna

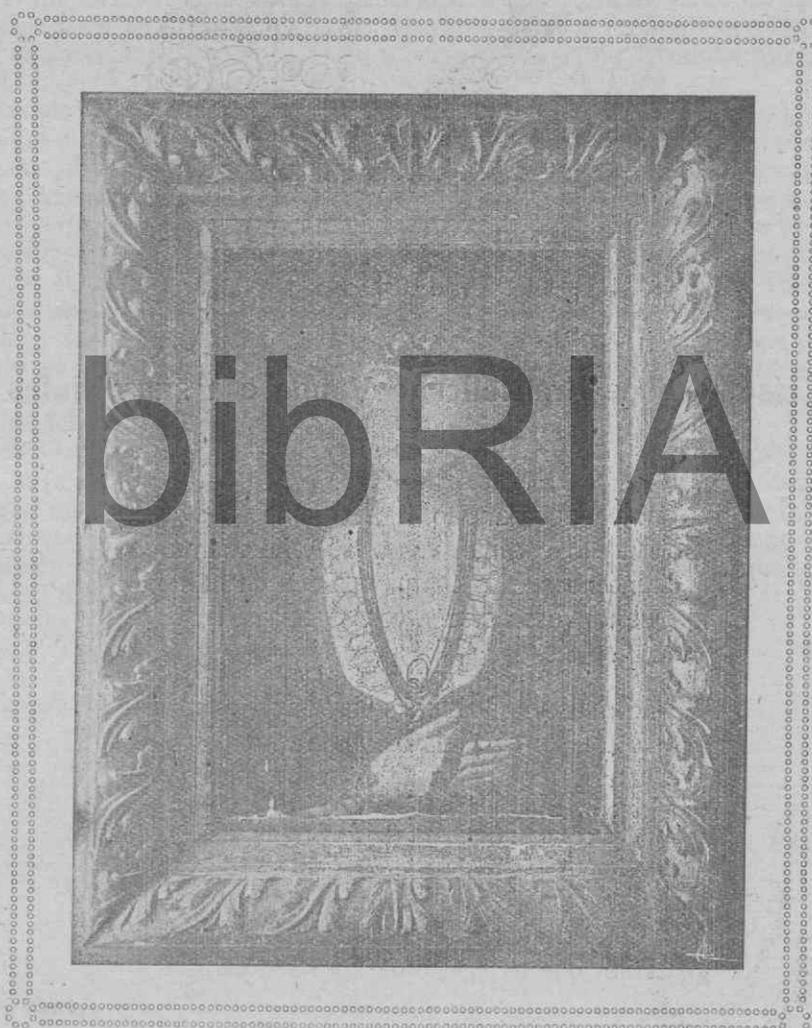


SOBRE uma pintura original, de que é copia a gravura que hoje ilustra a *TALABRIGA*, escreveu, em Setembro de 1895, o distinctissimo archeologo e critico de arte, snr. Joaquim de Vasconcellos no n.º 224 do *Comercio do Porto*:

«Sobre o claustro (Convento de Jesus de Aveiro), cingido de formosas capelas, onde os mais diversos azulejos luzem discretamente numa fresca e perfumada penumbra paira ainda o espirito gentil que dentro daqueles muros se enterrou voluntariamente,

renunciando aos esplendores do throno, num seculo em que a mão de uma infanta portuguesa pesava a valer na balança do equilibrio europeu.

Olha o visitante para o formoso seu rosto melancolico — n'uma preciosa pintura coeva, suspensa no coro alto — e por detraz surge a tragedia de Setubal, e o cada-falso de Evora, um proximo pa- (14 anos).



rente apunhalado pelo irmão (D. João II), e outro parente, o duque de Bragança, cuja cabeça viu talvez em sonhos, rolando no pó do Alemtejo, com uma penada do mesmo irmão. Como viveu até 1490, viu tudo isso e o mais que encheu o reino de pavor e de admiração no curto, mas glorioso e fecundo reinado do *Príncipe Perfeito*.

Pintura do seculo XV

Retrato existente no «Museu Regional de Aveiro»

Essa unica obra, o retrato da princesa, vestida com todo o esplendor da cõrte, mas triunphante sobretudo pela sua idial beleza, vale uma viagem a Aveiro. E' um encanto! Foi

gravado no principio do seculo XVII, em Flandres, por Boutats, habilmente, mas com pouca fidelidade, e parece não ter sido reconhecida até hoje na sua importancia capital como pintura coeva, intacta, que factó terá de ser comprovado com rasões technicas.»

Este importantissimo serviço prestou-o o Mestre desenove anos depois, fazendo esta primorosa descripção do quadro na *Arte Religiosa em Portugal—Princesa Santa Joanna*, escrevendo :

«O quadro que representa a Princesa é, sem duvida, uma das obras de arte mais valiosas do Muzeu Regional de Aveiro. As dimensões da taboa de castanho, sem o caixilho do seculo XVIII, são as seguintes : altura 0,<sup>m</sup>60 ; largura, 0,<sup>m</sup>40 ; a madeira, com grossura de 7 milímetros, que está bastante carcomida nas extremidades, apresenta numerosos furos das larvas dos vermes.

A Princesa traça á moda da côrte.

O busto está visível n'um decote muito aberto, protegido o peito apenas por uma camisa de cambraia transparente, finamente bordada a retroz de sêda preta. Um corpete de brocado de ouro, com bordado semelhante, surge de ambos os lados ; apenas a linha ondulada do recorte do vestido ajuda a indicar suavemente os seios, que não aparecem todavia nas modelações da carne.

O vestido mostra-se golpeado na manga do braço direito e junto da cinta ; a mão direita descança no entretalho, com certa intenção, não só para revelar a rara beleza da fórmula, mas tambem a preciosa joia que a orna. Os golpes do vestido estão tomados com cordão preto guarnecida de pontos de ouro ; cordão igual aperta o vestido no extremo do recorte.

Além da preciosa touca, de que já falarei, ha a notar, como enfeite, o anel de ouro com um grande carbunculo ; uma especie de pulseira, formada por um laço de galão de ouro torcido, com quatro voltas, talvez com significação symbolica que nos escapa. Um grosso cordão de ouro acompanha o recorte da camisa ; mas não tem joia *pendente*, nem sequer a perola tradicional (\*).

Para adorno de uma princesa e de uma noiva—todo o aspecto da figura largamente decotada, o movimento da mão posta sobre o coração indicam, para mim, que se trata, com efeito, de uma noiva—parece-nos modesto o atavio, se não fôra a preciosa touca. E' ella formada por grossos cordões de fio de ouro torcido, nos quaes o joalheiro enclausurou uma abundancia de pedraria rara ; rubis, saphiras e perolas. A touca compõe-se de duas tiras largas, que descem sobre o diadema da frente e se prendem a dois cantos meiores ; estes fecham a touca dos lados.

O maior ornamento, e o mais encantador, não seria a touca scintilante ; deviam se-lo os maravilhosos cabellos louros, que descem em abundantes ondas sobre o busto. Infelizmente, o retocador destruiu esse encanto ! Não tocou, por fortuna, nos olhos garços, que na estampa parecem muito escuros ; o chronista afirma que eram verdes. Como geralmente acontece com as belezas loiras, a tez rosada do rosto, a alvura assetinada do pescoço e do collo andam associadas ; a suavidade da epiderme, a elegancia intencional da mão aristocratica, o pescoço alto, os hombros descachidos, denunciam a raça. Acresce a expressão reservada ; o segredo dos labios firmemente cerrados, onde se desenha já nos cantos o vinco amargo. O nariz um tanto longo, mas muito delgado e mais ainda a pequena bocca, contrastam com as faces muito cheias ; eu diria *inchadas*, se um exame cuidadoso da pintura não me indicasse que houve indiscretos retoques na carnação ; a *technica esfumada* não é do efeito primitivo ; basta comparar a côr da epiderme no rosto com a do peito e das mãos ; ali suja, aqui clara.

Em conclusão : temos um retrato authenticó da escola portuguesa de pintura da segunda metade do seculo XV, que revela qualidades artisticas não vulgares. Temos ouvido citar o nome de Nuno Gonçalves, como auctor ; basta considerar uma condição no processo de pintar, para regeitarmos tal nome ; esta pintura, assim como outras que examinaremos, estão executadas sobre *intonaco*, isto é : a taboa está preparada com uma camada de gesso, sobre a qual o artista assentou as côres, as quaes não teem velaturas ; a tinta é delgada, com pouca transparencia».

(\*) No seu testamento (19 de março de 1490, Apud Sousa, Historia Geneologica, vol. II, das *Provas*, pag. 81), cita a Princesa a notável joia, com um *rubim* : «e o Rubi grande do anel ao Principe meu Senhor, e a meu Sobrinho o pendente das tres pedras, e o pendente da esmeralda...» O sobrinho é o Duque de Coimbra D. Jorge, filho natural de D. João II, que ella ajudou e educar em Aveiro.

# :VULTO MISTERIOSO:

---

A Homem Cristo

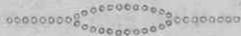
Aquele vulto d'uma certa Morta,  
Que os meus olhos não cansam de chorar,  
Pelo branco silencio do luar  
Veiu uma vez bater á minha porta.

Seus passos, como falas murmuradas,  
Como um tremôr de beijo ou ruflos d'azas...  
Seus olhos como incandescentes brazas,  
Como aves mortas suas mãos tombadas...

A' porta do meu peito «Ela» ficou-se...  
E aquela sombra tão maguada e doce,  
(Meu coração, porque te não acalmas?)

Veiu dizer-me em sua voz nervosa:  
— Anda comigo, ó Alma religiosa,  
Pra mais sagrada Comunhão das Almas!

ALEXANDRE DE CORDOVA



## : DITIRAMBO :

---

Èrgui a taça a apunhalar a sêde!  
Mais vinho, Irmãos, mais vinho! Em vós espero!  
Ainda não caí! Olhai-me. Vêde...  
Já esgotei o vinho-desespêro!

Incendiei meus olhos, como Pero,  
e os nervos gastos, fios duma rede...  
Mais vinho, Irmãos, mais vinho. Exijo. Quero.  
... Despedacei a taça na parede...

O' vinho loiro! O' líquido Sol-Posto!...  
Amigo, bebe! O Ceu desamparou-te!...  
Bebi o Sol, bebi o Sol! E' meu!...

Não torna a amanhecer nos longes côr de môsto!...  
Olhei a Noute! Olhei a eterna Noite!  
Trago-o no peito!... O Sol é meu, é meu...

*Lisbôa.*

*GOMES FERREIRA.*





## A Estetica dos Nossos Barcos

**D**IZ-SE que foi Osoüs, salvando-se na agua sobre um tronco flutuante do incendio que devorava as florestas de Tyro, quem inventou o primeiro barco...

O fenicio Sanchoniaton que nos transmitiu esta lenda recolhida uns dois mil anos antes de Cristo, fala-nos depois na jangada, a alianca dos troncos, que Calipso teria ajudado a construir a Ulisses, segundo o cantico da *Odyssea*.

Porém, quem sabe lá a vez primeira que o homem deixando a caverna, a terra, a praia, atraído pelo correr da veia, pela serenidade do lago, pelo rolar da onda, se aventurou sobre as aguas, agarrado a um tronco ou de pé sobre a jangada, inventando a vara ou inventando o remo?

E quem sabe lá se foi a fascinação de um prazer, o aguilhão de uma desgraça, a simples imitação ou uma pura conveniencia o que determinou a descoberta maravilhosa e o invento magnifico?...

A Ria de Aveiro marca na historia da Terra uma epoca tão recente, tão nova é ainda, que não foi por certo no remanso dos seus canais, nem nas areias da sua costa que o homem soltou os vãos ás suas faculdades de marinheiro (1).

Os *ballristuingär* da Mecia, monumentos preestoricos da idade da pedra e da idade do ferro, os *gaulos* fenicios, os navios de bambu e junco dos egipcios, e outros tipos historicos dos gregos e dos romanos mostram-nos venerandos avós dos nossos barcos que não sei porque misteriosa reminescencia nos lembram — como nos traços ancestrais das crianças as feições dos antepassados — as fórmias caprichosas dos barcos que subiam o Nilo ou que por aqui traziam mercadores fenicios, colonos gregos ou piratas normandos.

Mas seja o que tiver sido!

O caso é que os barcos da Ria tem hoje fórmias elegantes, características, inconfundiveis que demonstram ou uma adaptação feliz do talhe bizarro de bateis que no alvorecer da nossa historia por aqui passaram ou uma criação pitoresca e habil de construtores artistas que viveram e se sucederam nas margens deste estuario.

As fisionomias dos barcos da Ria, diversas como diversos são os fins a que se destinam, os trabalhos em que se empregam, tem um ar flagrante de familia (2).

As suas linhas são harmonicas, proporcionais e delicadas.

Um artista que fosse chamado para embelezar a obra do construtor, não delinearía me-

lhor, nada teria a corrigir, porque nestes barcos não ha que modificar, ha apenas que copiar bem, sem alterar em nada o seu perfil airoso, gracioso e cheio de caracter.

Desde pequeno que conheço esta Ria, os seus esteiros e as suas cales, as suas belezas e os seus perigos, desde a Vagueira á Bestida e ao Rio Novo do Principe, da ponte da Agua Fria ao Eirô, da Malhada de S. Pedro á boca da Barra.

Os seus barcos, então, são-me familiares; conheço-lhes os nomes como os dos companheiros do collegio e amigos de infancia; sei-lhes os destinos, as fórmãs, os apetrechos, os remos, as velas, as figuras.

Quantas vezes ao vê-los passar eu tenho pensado porque é que são assim, porque é que assim se geraram no correr do tempo, vogando de um a outro extremo desta esplendida bacia de aguas bonançosas e dolentes.

Muitas vezes pensei nas alterações que poderiam sofrer, sem lhes prejudicar nem a graça que os reveste nem a utilidade que os domina. Em criança, desejava quebrar aos moliceiros a prôa atrevida e provocante, arrancar-lhes aquele bico insolente que nos lança um desafio quando por nós passa, erguer-lhes o bordo quasi submerso, baixar-lhes mais aquele leme tão alto.

Foram passando por mim os anos e eu conhecendo uma infinidade de modelos de barcos, do tronco cavado á gondola, do rabelo ao *center-board*, e cada vez me convenço mais que os barcos da Ria de Aveiro são estes que a gente por aí vê, necessariamente, no seu talhe, nas suas fórmãs, nas suas linhas, nas suas fisionomias, nas suas praticas applicações.

Póde introduzir-se aqui um barco de recreio exotico e estranho. Não se póde modificar de maneira alguma, nem substituir seja por que modelo fôr, o barco que a Ria gerou, impondo-lhe uma estetica natural e inconfundivel.

# bibRIA

E' por isso que me revolta e irrita o barco mal feito que sulca por excepção as aguas da Ria.

Mas neste ponto a minha sensibilidade não é superior á do homem rude, pescador, mercantel ou moliceiro, que ao vêr um barco mal lançado, logo o condena e escarnece, anatematisando o mestre que não soube dar a esse casco a expressiva elegancia da sua especie.

E entre as especies não ha confusão possivel. Tenho visto no Tejo, no Douro, no Sado e no Mondego embarcações de trafego fluvial que são um mixto de fórmãs, anodinos, hibridos, vadios de mil profissões, mestiços de cem raças diferentes e inclassificaveis.

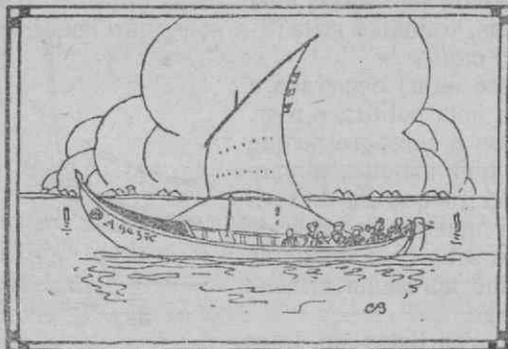
Na Ria de Aveiro, não. Cada profissão tem o seu tipo.

O arrancador de algas, tem o moliceiro.

O que transporta o sal e os grandes carregamentos dos navios, tem o saleiro ou barco mercantel.

Os mercanteis que nas costas compram sardinha e negociam em pescado, os marnotos das marinhas, os brebigoeiros, os homens do junco, teem as bateiras mercanteis, filhas do saleiro.

O caçador e o moço de marinha, teem a caçadeira e até os *fidalgos* da cidade e os capitães de Ilhavo, a descanço e a banhos, teem a bateirinha de recreio — *O Velho Portugal, A Gaivota, A Tricana, A Gaivina, A Beira-Mar*— que sulca no verão as aguas das Piramides, de latino pucha-



do, de um alvo luxuoso, ou que vagueia a remos na ria da Costa Nova, por onde enxameiam inumeros barquitos dos mais diversos feitios, estrangeiros ou mal nacionalizados, em que brincam crianças, remam braços gentis de tricatinhas e vogam serenatas nas noites calmas e luarentas.

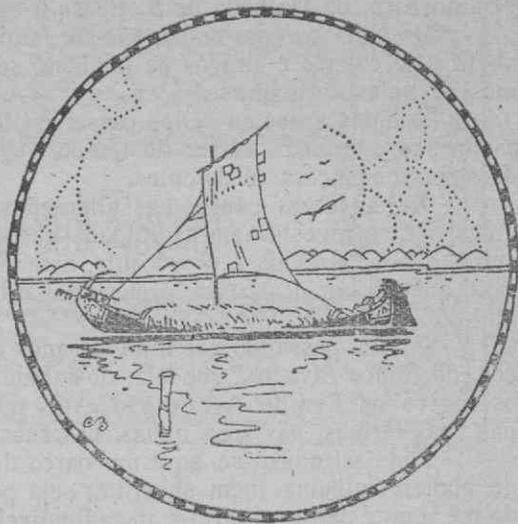


O moliceiro é de todos o mais pitoresco. Veloz como nenhum outro, não ha quem lhe passe ávante e quem o vença a bolinar, fazendo bordos magníficos.

A sua borda parece andar debaixo de agua, os seus tripulantes puxando á vara, empurrando com o peito virado á ré, curvados, arqueados, quasi deitados, andando da prôa á tosta, parecem caminhar sobre um destroço de naufragio, poizando nas aguas.

Quando o vento ajuda, o fundo dá e a alga abunda, mastro arriba, véla no tópo, caça-se escota, amura calcada, ancinhos a arrastar... e eles aí andam, aos bandos, aos cardumes, como gaivotas de azas brancas que nadassem de dorso ao sabor do vento.

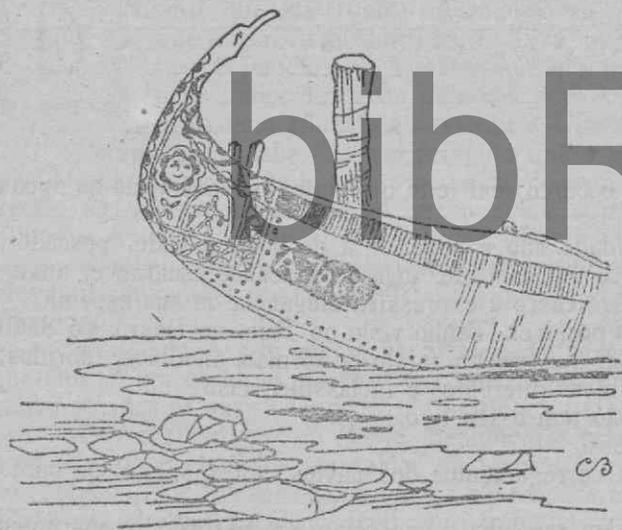
A' prôa e á ré, de um lado e do outro, os paineis com espantosas cercaduras policromicas, flôres e ramilhetes pintados em côres berrantés e



estelisações bizarras, cheias de ingénuidade ou ingenuas de malícia.

Dentro de um pomposo escudo com corôa real no cimo, uma santa de mãos postas, vestes cintadas, largo manto caído: *Ora bamos lá com Deos!*—reza a divisa. *«Mestre José de Matos me fez»*. Um figurão de grande decalitro na cabeça, muito delambido, gesto de muscadin, oferece uma rosa á dama inexpressiva: *«Arreda que te ispeto»!* Uma nedia moça de enormes seios esfericos e sintomas de proxima maternidade: *«As molheres quer-se boas»*. Um cavalheiro de chapéu fadista pedindo lume com o cigarro na mão a um velho ginja de grande cachimbo recurvo: *«Ora banha de lá eça fumaça.»*

Frequentemente, como se infére, não ha a menor relação entre a diviza e o figu-

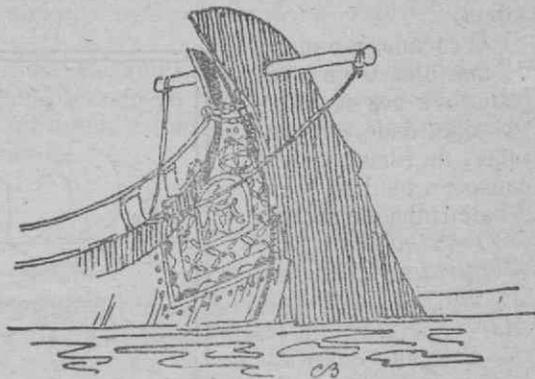


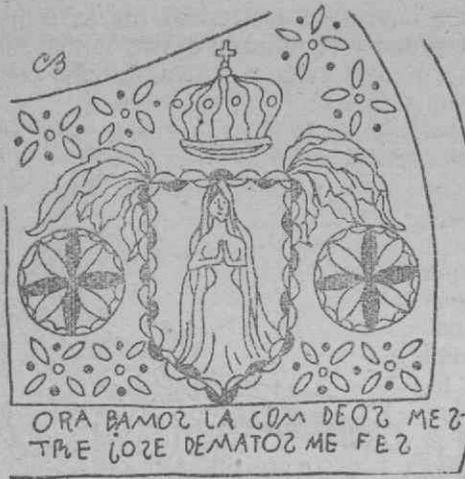
rão do painel.

Uma locomotiva marcha por sobre uma cercadura de flôres variadas, o distico grita:— *«Ora biba a rapaziada do molço!»*

Mas tambem aparece numa esmerada e galharda prôa, por vezes, a nota politica e o sr. dr. Afonso Costa não escapou á consagração que o entusiasmo indigena lhe quiz tributar, pintando-o na prôa de um moliceiro que ha dias vi, com tunica de imperador romano ou vestido de bailarina espanhola, não se sabe bem, tendo ao lado um marinheiro que lhe apresenta armas: *«Viva o dr. Afonso Costa!»*

Tudo isto é feito por artistas de traço





infantil, distribuindo as cores com uma riqueza e vivacidade singulares, disparatadas, berrantes, cheias de ingenuidade, que só podem ter rivais nos pintadores das *alminhas* que mãos piedosas colocam ao longo dos caminhos nos si-



tios êrmos em que morreu gente.



O barco saleiro ou grande barco mercantel, é o *cargo-boat* do complicado estuario do Vouga. E' a grande tonelagem, a grande segurança, a grande comodidade.

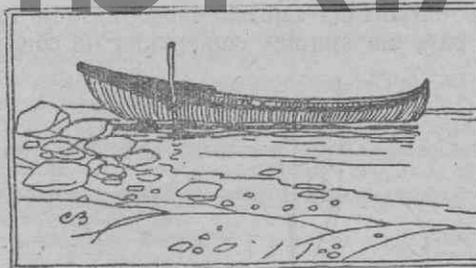
Construção robusta, solidez a toda a prova, alto da borda, largo do bojo.

Calmo, respeitavel, grãve, pezado, vagaroso, tem uma prôa espaçosa e alta, projectada para a frente, ao contrario do moliceiro que a curva para traz como um bico revirado de abutre adormecido.

No mercantel, a ré, mais baixa do que a prôa é tambem mais suave e equilibrada, menos caprichosa, menos atrevida, menos bizarra.

O moliceiro mais tipico, é feito de curvas muito pronunciadas; no mercantel retificou-se mais. A prôa termina num pequeno córte reto. O leme tem linhas retas, nos bordos ha quasi que horisontalidade.

Para as mulheres timoratas que receiam as nortadas, para as excursões e passeios do povo-leu irrequieto, o saleiro é o barco ideal, de estabilidade a toda a prova.



indiferente aos vendavais e á marola agressiva das cales profundas.

Contrastando com ele, parece brinquedo de criança, modelo de muzeu, a caçadeira.

Rente com a agua, a sua borda tem um palmo de alto, a sua prôa caminha como um homem que para surpreender a preza, rasteja sobre a terra.

Mais alta da ré, em muitos casos, porque é da ré que de ordinario se impêe com a vara, parece um sapatinho de freira deslizando pelos claustros em silencio, delicado, subtil, mignone, o barco mais pequeno que sulca a Ria de Aveiro.



Num artigo descritivo muito consciencioso e minucioso publicado na *Portugalia* pelo senhor conselheiro Luiz de Magalhães e ilustrado com valiosos desenhos do senhor Francisco Silva Rocha, enumeram-se outras especies de barcos e bateiras uzados na zona salgada da Ria entre os quais sobresaie o *chinchorro*, hoje raro já nas nossas aguas, mas que é sem duvida, um dos mais pitorescos.

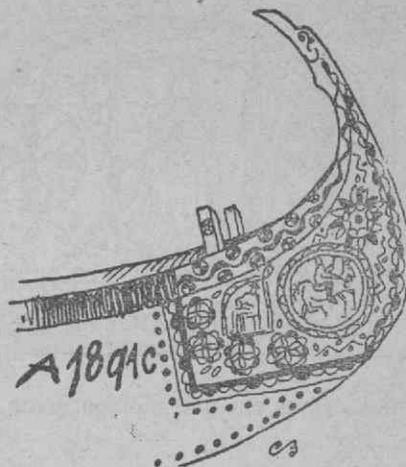
Neste meu artigo, porém, pretendo apenas dar a impressão das formas típicas a que se prendem e donde derivam todas as outras e interpretar o significado dessas formas, simultaneamente subordinadas a uma utilidade prática e a uma estética nativa, de cujo conjunto e harmonia elas sahem admiravelmente próprias para as funções a que se adaptam e indiscutivelmente belas na arte que á sua construção preside.

No estudo de etnografia ribeirinha, pois, os barcos ocupam um lugar primacial como documentação que não é possível esquecer.

E aqui quero notar desde já a relação íntima que existe entre as formas e a estética dos barcos da zona salgada, propriamente beiramarinhas, e as das aguas doces onde o meio e a diferenciação étnica não adoptaram nem os modelos nem a estética das populações que se fixaram junto á praia e teem exercido o seu trabalho sobre as aguas vindas do mar.

Efectivamente, depois da zona salobra, nas ocupações já diferentes das das aguas salgadas, as fórmulas dos barcos modificam-se curiosamente, tornando-se vagas, incertas, anodinas, mestiças, deselegantes. Agarrados á margem, os barcos são pequeninos e incaracterísticos, descuidados de talhe, pelo menos,

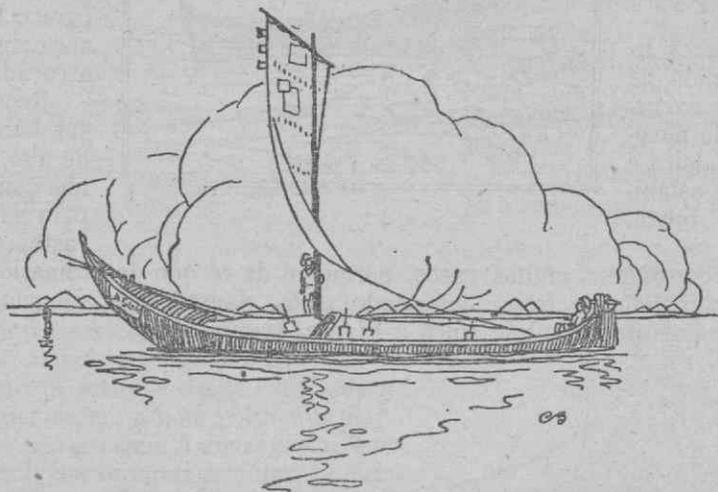
Para lá da Vagueira, onde a ignorância dos fazedores de mapas ainda põe uma larga barra que em tempos existiu, ao norte da Murtoza e no Vouga, apenas se entra na agua doce, onde vivem os pimpões e já coaxam rãs, os barquitos ou são *chatos* ou parecem-se com alguns do Mondego, de duas prôas, sem graça e sem character, bem diferentes das bateiras da zona salgada e dos barcos que nas campanhas do molicho fazem os demorados cruzeiros e as grandes travessias.



# bibRIA

E as velas? as velas dariam um capítulo longo, assunto mais propício para um pintor ou para um artista, do que para um simples comentador de coisas que eu sou. Mas «os pintores deste paiz onde estão que não veem pintar?»

Teimam em encher-nos as exposições com retratos de snobs, naturezas mortas, batidos poentes, e deixam tantas maravilhas da terra, da natureza, da luz e da côr, a graça do povo, a vida que palpita,



descrevem e que por aí ha entregues á passageira admiração dos nossos olhos e á profana indiferença dos que não sabem sentir!

Senhores pintores do meu paiz, venham vêr, venham pintar!

Vejam bem: as vélas dos barcos, são a alegria dos barcos e a alegria da Ria, irmãs gêmeas ou rivais das azas das aves que aqui habitam e por aqui hibernam.

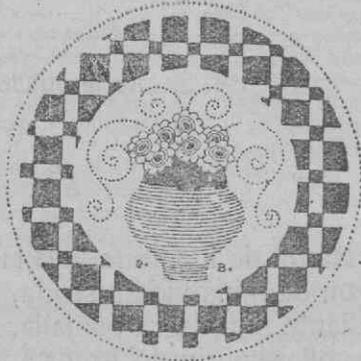
Dizem que as almas não teem fórmula.

Talvez tenham. Não serão as vélas dos nossos barcos, brancas como os montes de sal, as azas das gaivotas, os farrapos das nuvens e a espuma das ondas, a fórmula das almas dos

homens robustos que ha tantos anos viveram e morreram trabalhando, sonhando e sofrendo nas aguas da Ria?

Venham vê-las. Num dia de verão, quando a miragem enlouquece o horisonte, (3) duplicando e espiritualizando as imagens, dá vontade de ajoelhar e erguer as mãos, vendo a estranha beleza das vélas dos nossos barcos, brancas, adelgacadas, esguias, vagueando pela planura, erguidas para o céu...

ALBERTO SOUTO.



# biblioteca

(1) O problema geologico da formação da Ria de Aveiro não está ainda sufficientemente esclarecido.

Em que epoca da historia da Terra e como se cavou e preencheu a reentrancia da costa que a carta hipsometrica tão nitidamente nos põe em destaque e em que se formou esse interessante e notavel sistema de lagunas e esteiros, unico na Peninsula, e só comparavel aos accidentes identicos das costas do Baltico onde as aluviões dos rios e a reaçao dos «nahrungen» deram logar aos conhecidos «haffs» tão semelhantes á Ria de Aveiro?

Foi sómente depois que o Douro impedido no seu primitivo curso pela plicatura da setra da Marofa se inclinou para oeste, despejando no oceano as enormes massas de detritos da sua erosão?

Ou estariam já formadas as primeiras accumulações aluvionicas que se encostam ao paleozoico e ao mezozoico, possiveis pelo remanso das aguas do golfo que a derrocada atlantica cavou e que a restinga arenosa mais tarde veio a fechar?

A questão merece ser estudada. Não menos interessantes são os problemas de arqueologia maritima e de protohistoria que naturalmente veem a lume ao investigar-se a origem dos nossos barcos considerados como documentos de velhas civilizações e antigas influencias nas populações beiramarinhas.

A auzencia de fosseis, de monumentos prehistoricos e documentos historicos, lança o estudo destas questões num campo muito difficil onde a conjectura tem de entrar numa larga proporção.

Bem mereciam estes assuntos a atenção e o carinho dos nossos homens de sciencia ou de um instituto de estudos que ha muito aqui deveria existir e cuja ideia já tive occasião de defender.

O assunto será objecto de artigos posteriores que os leitores perdoarão, por certo, á minha boa-vontade de humilimo amator de estudos geograficos, de aveirense impenitente e de indefectivel português.

(2) E' muito notavel o artigo descriptivo publicado na *Portugalia*, sobre os barcos da Ria, pelo senhor conselheiro Luiz de Magalhães, com illustrações do senhor Silva Rocha, director da Escola Industrial Fernando Caldeira. A bibliografia da Ria deverá ter menção especial.

(3) O fenomeno da miragem observa-se frequentemente na ria de Aveiro e nas dunas que a cercam e limitam. Entretanto os nossos compendiosinhos de fisica continúam a dizer aos alunos das escolas que o curioso fenomeno se verifica no Sahara...

Não admira. Os mapas didaticos de Portugal e as cartas com responsabilidades officiais e scientificas, ultimamente publicados, ainda hoje teimam em manter aberta na Vagueira uma larga barra onde ela não existe ha algumas dezenas de anos, no mesmo local onde a crimpinosa incurria da nossa administração publica deixou que a Ria se reduzisse a um tenue fio de agua que se passa a vau e onde ha anos havia um largo e profundo estuario. A ignorancia e o desmazeladismo dos homens andam á porfia sobre a nossa terra!

## ADVERTENCIA

Erros de composição e faltas de revisão sempre inevitaveis e arreliantes nos 1.<sup>os</sup> numeros, deixaram que na 1.<sup>a</sup> pagina deste artigo se deturpassem por completo os *hallrirtnings* da *Suetia*. Perdoarão...

A. S.

# SONETO GALÈGO

---

Ao inspirádo poeta

ALEXANDRE DE CÓRDOVA

Sobre um clarón de luz, loira volalla  
veloz cruzon da miña vida a senda,  
deixando diante min negra pantalla.  
— Tal meu ollar cubriu do Amor a benda! —

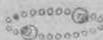
E agora von, á cegas, camiñando  
na busca da Ilusión, tan sen ventura,  
que en rachós meu Ensono von deixando  
nos riscos da Pasión na Selva escura.

Sen sequer vislumbrar unha esperanza  
entre as coitas que colman miña auguria,  
en valuto salayó e chamo a Morte;

pois da gadaña o fio non me alcanza  
en canto non me ceibe tanta Furia  
que pon riba de min tan moura Sorte.

Na Cruña a 18 de Febreiro de 1921.

EUXÉNIO CARRÉ.



# DA VIDA QUE PASSA...

## COTMENTARIOS

### Movimento intelectual «Luso-Galaico»

E' verdade que um sopro de vida nova agita as almas. Um perfume sadio e viril vem da gleba-mater reanimar o homem e encher-lhe o coração de forças generosas,

Agora é da Galisa, essa terra de sol para lá do Minho, irmã de Portugal pela sua alma emotiva e tradição, que nos vem a voz de ressurgimento.

Um forte movimento intelectual, cheio do nobresa e de justiça, acaba, ali, de se iniciar a fim de dar a esta região, uma completa integração na sua personalidade histórica — movimento de patriotismo e mesmo de alto interesse artistico e literario pela esplendida cultura mental em que se baseia.

E' uma primavera por certo fecunda que sacode a terra da Galisa. Um destino de Beleza enche-a toda de sagrada rebeldia. Ela quer robustecer-se, afirmar a sua liberdade. E' justo. Aplaudimo-la.

E para realizar esta Obra magnifica uma elite de lutadores e inteligentes — toda uma mocidade inquieta e talentosa vem, numa falange bizarra, acordar a terra formosa para o grando sonho da Manhã. Ha nesta elite os nomes prestigiosos de Vicente Risco, Euxénio Carré, Cabanillas, Lagria Folire, Leandro Carré Avarelllos, Vilar Pontes, etc. — nomes culminantes da moderna literatura galega e grandes admiradores do nosso paiz.

Em Portugal esta patriótica obra regionalista é secundada por um movimento de aproximação Luso-Galaica, dirigido pelo talentoso poeta e nosso colaborador, Alexandre de Córdova, e do qual fazem parte os mais ilustres homens de letras e artistas do Norte, entre os quais podemos mencionar o pintor Soares Lopes, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, Raul Casimiro, Pina de Moraes, S. Martins, dr. Jaime de Vasconcelos e outros.

A «Talábriga» dá todo o seu apoio a este belo movimento de patriotismo regionalista e envia para a Galisa uma saudação de entusiasmo e solidariedade espiritual a toda essa plejade de intellectuais ilustres, dum dos quais tem já hoje o prazer de publicar um magnifico soneto galego, que muito lhe agradece, e ao dispôr dos seus homens de acção põe o humilde merito das suas paginas.

### Morte de Gomes Leal

Com os ultimos dias de janeiro lá foi o grande poeta da «Historia de Jesus» levar o seu corpo ao destino das rosas, dos poetas e dos vagabundos.

Morreu. E por essa tarde de sol baixo, vincada em meia duzia de linhas de favor nas paginas das gazetas, quem se

lembrou do grande Morto que então ia a enterrar? O paiz fez a sua digestão com a pacatez condebaronesca do costume e não teve um pensamento de pesar para o estranho lapidario e Jupiter magestoso que andou outrora a espalhar pedrarias e relampagos, a desencadear flamas e a esbanjar joias como um nababo, desde as paginas do «Fim do Mundo» ás «Claridades do Sul», das estrofas do «Anti-Cristo» ao relicario das «Serenadas de Hilario no Céu», e tantas outras scintillações de talento.

O seu fim foi bem como o daquelas violetas romanticas que ele tanto amou e acariciou. O fim das rosas, e dos poetas...

### Congresso Beirão

A Comissão Central do Distrito de Aveiro está empenhando todos os esforços no sentido de se levar a Vizeu uma representação que honre as terras da Beira-Mar.

Não sendo o distrito de Aveiro, como muitos querem e julgam, uma continuação da Beira, pois que a diferenciação dos povos, dos costumes, da paisagem, do caráter, do temperamento e da vida das terras voltadas ao Oceano é bem acentuada, nós iremos de bom animo ao Congresso de Vizeu não só para correspondermos á gentileza dos que nos incluíram em tão simpático movimento, mas tambem porque é desejo de todos nós estabelecermos com a Beira relações de solidariedade moral e material que agradam e interessam aos povos daquem e dâlem serra.

Aqui recebemos a honrosa vizita dos delegados da Comissão do Congresso, srs. Bartolomeu Severino, dr. Azeredo Perdigão e Capitão Almeida Moreira que trocaram impressões com a Comissão de Aveiro, tendo-se efetuado a entrevista na Assoeiação Commercial, decorrendo muito animada. Algumas das nossas fabricas decidiram já concorrer á Exposição que se efetua em Vizeu.

A Associação Commercial de Aveiro e a Comissão do Congresso vão circular á industria do distrito convidando-a para o certamen.

As tezes distribuidas pela nossa Comissão são as seguintes.

Turismo, dr. Melo Freitas; O porto de Aveiro, Silverio da Rocha e Cunha; Geografia da Beira-Litoral e vias de comunicação, dr. Alberto Souto; Artes e Industrias, F. da Silva Rocha.

A correspondencia do distrito sobre o Congresso deve ser dirigida ao secretario da Comissão de Aveiro, sr. dr. José Maria Soares.

De esperar é que todo o nosso distrito corresponda ao apelo que lhe está sendo feito: e que daí resulte uma afirmação de vitalidade que nos honre e nos engrandeça.

## NOTICIAS

### Festa d'Arte da «Talabriga»

Cumprindo o seu programa, a «Talabriga» organizará brevemente nesta cidade a primeira festa d'Arte que será revestida dum brilhantissimo cunho intellectual. Será esta

feita constituida por uma sessão musical e literaria, onde elementos femininos de elevada selecção artistica prestarão o seu concurso, e, sobretudo, terá a realçá-la a prestigiosa individualidade do ilustre caricaturista Leal da Camara que virá expressamente de Lisboa a fim de fazer uma conferencia neste sarau, abrindo ao mesmo tempo no local da festa uma interessantissima exposição de projectos da «Aldeia Portuguesa na Flandres».

## ARTE: Exposição de Leal da Camara



Cambarros, 110

### LEAL DA CAMARA

Propagandista da Aldeia Portuguesa na Flandres.

Recebemos o convite que este illustre Artista nos enviou para a sua Exposição que em janeiro abriu no «Salão Bonne» e que muito agradecemos.

Essa Exposição, já encerrada, constava de desenhos e pinturas mostrando aspectos da vida de «Pierrot», de alguns trabalhos regionais portugueses e um ensaio de móveis e ferragens decorativas.

Limitamo-nos a felicitá-lo e a registar esse belo acontecimento artístico, pois Leal da Camara não carece de elogios: é d'ha muito conhecido e admirado tanto em Portugal, como no estrangeiro.

Por não ter chegado a tempo, ficará para o proximo numero um artigo illustrado, sobre a «Aldeia Portuguesa na Flandres», que Leal da Camara escreveu e que muito honrará a «Talábriga».

### Colaboradores da «Talábriga»

Agradecemos a todos o valioso auxilio que quizeram

## LIVROS

### «Gil Vicente e a Origem do Teatro Português», por José Pereira Tavares

Subordinado a este titulo, repousa ha-meses sobre a nossa mesa de trabalho um opusculo de 24 paginas, de edição esmerada, em que o sr. dr. José Pereira Tavares, illustre professor do liceu desta cidade, deu publicação á erudita conferencia acêrca de Gil Vicente e ao teatro português, que todos nós lhe ouvimos na noite do Sarau Academico de 6 de março passado.

Os aplausos dessa noite de festa disseram-lhe já o entusiastico acolhimento com que o publico recebeu este seu valioso e bem discernido trabalho de investigação literaria. Arquivando-o nesta bela brochura prestou um notavel serviço a todos aqueles que neste paiz dedicam algum amor ás coisas da intelligencia. E, afóra aqueles estudantesinhos imberbes que são obrigados a sobraçar a pesada e insulsa Historia de Literatura do sr. Mendes dos Remedios, entre aqueles poucos que conhecem e amam o Mestre Gil dos autos e farsas dos serões de D. Manoel, e que procuram na obra do glorioso classico o filão precioso de linguistica e etnologia que já dorme no pitoresco da epoca que o criou, esta publicação do sr. dr. José Tavares virá facultar um riquissimo subsidiario biografico e literario.

Ao seu autor os nossos agradecimentos pela oferta.

### «MAGNÓLIA».— Rimas d'Amôr e de Primavera — por Alexandre de Córdova

A vida não cança. A vida ainda é bela. Dizem-no as estrofes gloriosas dos que triumpham, os gritos alegres dos que sabem amar e sonhar. Poucas são estas estrofes, raros são estes gritos, na verdade, mas quando aparecem entontecem-nos como um licor forte. E, assim, dir-se-ha que neste fauado horto das nossas letras algumas bizarras corolas de esplendor abraçam de encantamento os nossos olhos. Mercê de Deus, ainda algumas hastes formosas erguem para o Céu

prestar a esta revista. No nosso espirito jámais se apagará o reconhecimento que devemos a todos os illustres homens de letras e artistas tanto desta região como fóra dela e que duma maneira tão cativante e honrosa para esta redacção, corresponderam ao nosso pedido. De todos a quantos nos dirigimos recebemos uma resposta amavel e muitas vezes de aplauso e incitamento. Consola-nos registar aqui este facto.

Que todos aceitem o nosso mais vivo reconhecimento, e entre todos seja-nos justo destacar os illustres escritores srs. João Grave e Adolfo Portela a quem só por um grande excesso de generosidade devemos os dois trechos de prosa lapidar que neste numero publicamos.

Temos tambem já o gosto de acrescentarmos á nossa lista de colaboradores os nomes de Bento Carqueja, eminente professor da Universidade do Porto, publicista e economista de grande merito, e Agostinho de Sousa, illustre professor de ensino secundario. Os nossos agradecimentos.

### «Paixão e Morte da Infanta»

E' um novo livro do fulgurante escritor nosso patricio que se chama João Grave.

Devido a uma excessiva gentileza da parte do seu autor, esta revista tem a honra de publicar hoje nas suas paginas um magnifico excerto deste livro, que deve ser admiravel e que já se encontra no prelo. Lendo-o, o leitor sentirá, como nós, enlevar-se num opulento recame de velhas joias que o autor foi buscar ás alcovas sumptuosas das rainhas para nos encantar a vista e deliciar o sófrego coração. Bem haja o magico cinzelador de gomis deste livro resplendente como es rutilos cabelos de Leonor!

Felicitemos vivamente o seu autor e ficamos aguardando com ansiedade o aparecimento deste seu novo e formoso trabalho.

o seu capricho de côr e perfume, onde nossos sentidos se deliciam.

E' este o caso do formosissimo livro que ha dias entrou nesta casa e esmalta o frio silencio desta mesa onde sofremos e sonhamos, com o requinte dum feixe de flôres raras. Intitula-se «Magnolia». Assina-o o nome do moço poeta Alexandre de Córdova. Como se vê, o titulo é já por si uma flôr heraldica e caprichosa — uma grande corola de beleza a fechar magnificas orquideas de Sol e de Volupia.

E a presença deste livro e deste nome clareia deante de nossos olhos retalhos da vida que passou e que um luar de milagre enche de saudade e emoção. Uma camaradagem espirital que, com felicidade, ainda hoje se mantêm, levounos a ouvirmos deste poeta muitos dos versos caprichosos que neste volume se enfeixam. Era então o desabrochar do Sonho, o nascer do grande Sol! — Sonho que iria atormentar-se em Calvario e resplandecer tambem em aureolas de triunfo. Oh! o preço da Beleza!

Mas vamos ao poema. E'-nos gostoso falarmos do seu requinte — tão facilmente como falaríamos da sua mediocridade, se ele o merecesse. Mas este livro é demasiadamente formoso para que a pena, ainda a mais impertinente, o deixe de louvar. Todo ele é um vitral medievano onde japerias de côres languidas esmaecessem e entre rosas vivas e sensuais um pajem de lenda desferisse em lira de marfim a lenta baladilha do Desejo á rainha de seu sonhar. Todas as suas paginas são belas. O escopro do talento cortou-as fundo no marmore eterno da emoção. E' assim mesmo.

E' um livro decadente, é um livro mórbido? De maneira nenhuma. E para nós o caracter sadio e viril da sua poesia é o melhor do poema. Forte, masculino, embriagante, ele lembra um tronco opulento de grega, nu e soberbo, banhado do sol da manhã. Canta a ansia de amar e viver-canta a Volupia e o Desejo — fonte eterna de vida e inquietas e fecundas insaciedades! Eis porque este livro é formoso.

A Alexandre de Córdova o nosso sincero agradecimento pelo exemplar oferecido.

Silvio.

# TALÁBRIGA:

REVISTA D'ARTE E ACÇÃO REGIONAL

*Directores literários:* António de Cértima, Alberto Ruela, Alberto Souto e Francisco Soares. *Director artístico:* Cunha Barros. *Secretário:* António de Cértima. *Administrador:* João Mota.

*Correspondentes:* Paris, Marçel Pénitent; New-York, B. Fidalgo; Rio de Janeiro, J. B. de Campos; Funchal, João da Costa Miranda.

Edição e propriedade da Empresa de Publicidade Talábriga

Redacção: — AVEIRO



Ano 1.º—N.º 1

Fevereiro de 1921

Capa	CUNHA BARROS
Simplemente...	ANTÓNIO DE CÉRTIMA
Talábriga.	MARQUES GOMES
Paixão e Morte da Infanta	JOÃO GRAVE
Barcos de Massarelos, desenho	LUÍS FERNANDES
O Canto de Antev	ANTÓNIO DE CÉRTIMA
Agueda-Velha	ADOLFO PORTÉLA
Despedida de Francélio ao Vouga.	FRANCISCO JOAQUIM BINGRE
Retrato de Santa Joana	MARQUES GOMES
Um pobre, desenho	CUNHA BARROS
Vulto misterioso	ALEXANDRE DE CÓRDOVA
Ditirambo	GOMES FERREIRA
A Estética dos Nossos Barcos (com desenhos de Cunha Barros)	ALBERTO SOUTO
Soneto galego	EUXÉNIO CARRE
<b>Da Vida que passa...</b>	
Comentários.	
Notícias.	
Livros.	

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL E COLONIAS

ESTRANGEIRO

Ano . . . . . 6\$00 Esc.  
Semestre . . . . . 3\$00 "  
Número avulso . . . . . \$50 cent.

Ano . . . . . 7\$20 Esc.  
Semestre . . . . . 3\$60 "  
Número avulso . . . . . \$60 cent.

PAGAMENTO ADEANTADO



# Expediente

Toda a correspondência deve ser dirigida á redacção.

Toda a colaboração é solicitada.

E' respeitada a ortografia dos autores.

— Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e principalmente em todos os concelhos da região,

A todos os livros enviados a esta redacção se fará referencia especial.

**Rectificação.** — Apesar dos esforços que empregamos, algumas gralhas passaram ainda, entre elas as seguintes: Na poesia «O Canto de Antev», no verso «A bela empavezada», etc., deverá lêr-se: «A vela empavezada»; no artigo «Agueda-Velha», onde se lê: «oi um estrondo», deverá lêr-se: «foi um estrondo»; em «lavradeiras» «lavadeiras»; em «flôr anada» «flôr fanada», etc. No noticiário e ainda no corpo do texto, outros erros de composição passaram, mas que a intelligencia do leitor facilmente corrigirá.

No proximo numero publicaremos: «Os Cancioneiros luso-galaicos», do sr. dr. Jaime de Vasconcelos, illustre professor do Liceu Alexandre Herculano; «A Aldeia da Flandres», por Leal da Camara; inéditos da obra de Samuel Mais; uma carta inedita de Herculano, colaboração e clichés da Humberto Beça; artigos de interesse regional; inquerito á vida do distrito e diversa colaboração dos nossos escritores.

Nos números seguintes: Inéditos de Manuel Lorangeira e Barão de Cadóro; colaboração dos srs. Conde da Borracha, dr. Mendes Correia, dr. Jaime de Magalhães Lima, dr. Joaquim de Melo Freitas e outros.

7:908  
117

BIBLIOTECA  
municipal de Aveiro

FUNDO  
LOCAL

INTERDITO  
AO  
EMPRESTIM



Capital autorizado.. 4.000.000 escudos  
Capital emitido..... 2.000.000 escudos

Séde: Rua Coimbra e Praça Luiz Cipriano

Filial: Caixa Economica, Rua José Estevam

**Efectua todas as operações bancarias**

Compra e venda de titulos, cambiais e moedas, Descontos, saques, transferencias. Contas correntes, contas em participação. Depósitos á ordem e a prazo. Empréstimos hipotecarios e titulos de capitalização da Companhia Geral do Credito Predial Portugues.

Empréstimos sob penhores de ouro, prata, pedras preciosas e papeis de crédito na CAIXA ECONOMICA.

REPRESENTANTE do Banco Comercial de Lisboa, Banco Economia Portuguesa, Banco Espirito Santo, Banco Lisboa e Açores, Banco Portugues e Brasileiro, Banco Aliança, Banco Comercial do Porto, Banco de Credito Comercial, Banco do Minho, Banco do Alemenjo, Banco Internacional do Comercio, Banco Fomento Nocial, Borges & Irmão, José Henriques Tota & C.<sup>a</sup>, Crédit Franco Portugais, Chegwim Moura & C.<sup>a</sup>, Nunes & Nunes L.<sup>a</sup>, Centro Financeiro, L.da; Cupertino de Miranda & Irmão, J. M. Fernandes Guimaraes & C.<sup>a</sup>, José Augusto Dias, F.<sup>o</sup> & C.<sup>a</sup>; Joaquim Pinto Leite, F.<sup>o</sup> & C.<sup>a</sup>; Lima Neto & C.<sup>a</sup> e José Nunes Coelho.

Correspondentes em todas as praças do paiz

# Sociedade União Comercial, L.<sup>da</sup>

*Importação:* Enxofre, sulfato de cobre, adubos quimicos, productos coloniais, etc.

*Exportação:* Vinhos, sal da ria de Aveiro, materiais de construção, etc.

**Comissões, consignações e conta propria**

Rua Direita, n.º 43-B — AVEIRO



## MOVEIS

Se deseja em todos os estilos, simples e de luxo, executados com a MAIOR PERFEIÇÃO, só os encontra

NA

**Marcenaria SANTOS SILVA**

*Oficina de marceneiro e torneiro com armazem de moveis*

— Preços modicos —

RUA 5 DE OUTUBRO — Aveiro

## Manuel Maria Moreira

RUA COIMBRA, 11—AVEIRO

Fazendas brancas e de lã

Retrozaria e modas

Bordados e miudezas

Panos crus e Bretanhas finas

Enxovais para batisados

**Preços especiais aos revendedores**

## Sociedade de Farragens e Mercarias, L.<sup>da</sup>

Depósito de cimento, oleos, ferragens e vidraça. Bacalhau, artigos de mercearia e sementes

15-A—Rua Direita—15-F—AVEIRO

## IMPORTANTE

Com a publicação da *TALÁBRIGA* nós quizemos trabalhar para a expansão e renascimento de Aveiro e sua região, quizemos fazer muito; quizemos fazer por esta cidade alguma coisa que lhe marcasse um lugar de vida entre as demais da terra portuguesa. Mas a crise que atravessa toda a obra de *Imprensa* cria-nos obstáculos quasi insuperáveis. As despesas são entontecentes e ainda a dificuldade em obter material é desesperadora.

Que fazer? Desanimar? Não! Voltar para traz? Nunca!

Não queremos lucros, não queremos recompensas; apenas desejamos as nossas despesas equilibradas. Que exigimos nós, por conseguinte, em troca de todo o nosso esforço, de todo o nosso amor a esta terra? Bem pouco, afinal:

— Que todas as pessoas a quem enviamos esta revista e, principalmente, todos os AVEIRENSES, e que o possam fazer, — e quando dizemos AVEIRENSES não dizemos só os filhos da cidade de Aveiro mas todos os que habitam, nasceram ou estão ligados moralmente á região de que o Vouga é eixo e centro — nos dêem a sua assinatura. E' o unico auxilio que lhes pedimos.

Podemos contar com ele?

Em nome de Aveiro e sua região, isto espera e roga a todos

A Direcção da *TALÁBRIGA*.



biblioteca

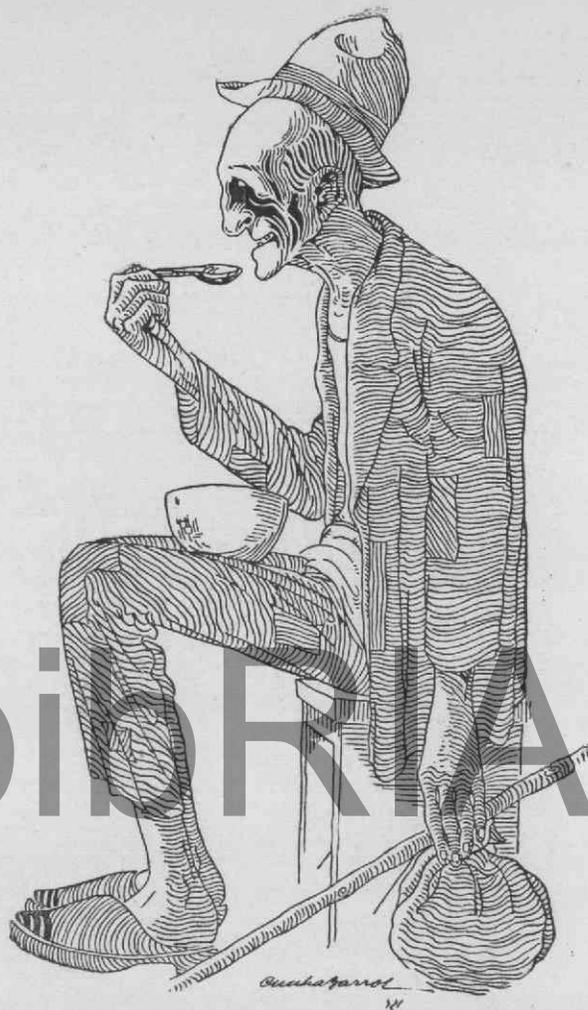
: BARCOS DE MASSARELOS :



: TALÁBRIGA :

REVISTA D'ARTE E ACÇÃO REGIONAL

DESENHO DE LUIS FERNANDES



: UM POBRE :



: TALÁBRIGA :

REVISTA D'ARTE E ACÇÃO REGIONAL

DESENHO DE CYNIA BARRO

SAPATARIA



MIGUEIS

Se o gosto de V. Ex.<sup>a</sup> é apurado e deseja bom calçado, então visite esta sapataria, porque só aqui encontrará os ultimos modelos de

Calçado chic  
Calçado bom  
Calçado resistente

o que em duas palavras se resume em

ELEGANCIA E PERFEIÇÃO

RUA COIMBRA (Antiga Costeira)

AVEIRO

— Quer V. Ex.<sup>a</sup> mandar fazer um trabalho de fundição? Recorra á Auto-Metalurgica.

Maia, Martins & C.<sup>ta</sup>, Suc.<sup>res</sup>

90—RUA ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS—90

AVEIRO

Depositários da «Companhia Industrial de Portugal e Colonias»

E DE

A NAPOBITANA

TORREFACÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

Vendas por junto de farinhas e sementes, massas alimenticias, bolachas e biscoitos, arroz, carboneto, cimento, sabão, etc., etc.

VISITEM ESTE ARMAZEM

**O PERIGO** está sempre á espreita e para evitá-lo há processos seguros, são os

## SEGUROS

de Vida, Terrestres, Maritimos, de Acidentes de trabalho e Contra todos os riscos, da Companhia de SEGUROS Luso-Fluminense

**— A LATINA —**

Não se esqueça disto.

Escreva-nos hoje mesmo.

Delegado no districto de Aveiro:

**António da Maia**

90 — RUA ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS — 90

**— A VEIRO —**

- Quer V. Ex.<sup>a</sup> uma peça bem niquelada?
- Vá á AUTO-METALURGICA.

## Companhia Aveirense de Moagem

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

**Capittal 1:200:000 esc.**

Sucessora da firma Cristo, Rocha, Miranda & C.<sup>o</sup>

Escritório: PRAÇA LUIZ CIPRIANO

AVEIRO

**COMPRA E VENDE CEREAIS E LEGUMES**

**Venda de farinhas de trigo e de milho. Arroz descascado**

Transacções por grosso e a retalho